

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BIL
18 de Março de 2023

LOU N'A PAS DIT NON / 1993

um filme de Anne-Marie Miéville

Realização e Argumento: Anne-Marie Miéville / **Direcção de Fotografia:** Jean-Paul Rosa da Costa / **Direcção Artística:** Yvan Niclass / **Música:** Mahler, Arvo Pärt, Rossini, Chopin, Keith Jarrett / **Som:** Pierre-Alain Besse / **Montagem:** Anne-Marie Miéville / **Interpretação:** Marie Bunel (Lou), Manuel Blanc (Pierre), Caroline Micla (Isabelle), Geneviève Pasquier (Suzanne), Matilde Weyergans (Florence), Harry Cleven (Theo), Wilfred Benaiche, (François), etc.

Produção: Sara Films - Periphéria - Vega Films / **Cópia:** 35mm, colorida, versão original falada em francês, com legendas em inglês e legendagem electrónica em português, 78 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Lou n'a pas Dit Non é apresentado em "double bill" com **Canyon Passage**, de Jacques Tourneur ("folha" distribuída em separado).

A projecção decorre com um intervalo de 20 minutos entre os dois filmes.

*"A ideia para o filme e para o título nasceu de um momento da correspondência entre Lou-Andreas Salomé e Rainer Maria Rilke. No entanto, o filme descreve instantes e aspectos da vida de um casal contemporâneo, em metamorfose. O quotidiano partilhado entre homem e mulher é, aqui, confessadamente difícil" - são estas as palavras com que Anne-Marie Miéville nos "explica" a génese de **Lou N'a Pas Dit Non**. E palavras onde, adivinhamos e o filme confirma-o, se inscrevem dois dos temas fundamentais do cinema de Anne-Marie Miéville, como quem teve ocasião de ver **Nous Sommes Tous Encore Ici** pôde perceber: a vida a dois, consubstanciada na figura do casal, e a comunicação, como meio essencial de construção dessa figura. De novo, portanto, é esse nível, o da comunicação, o das palavras, que surge no centro da consolidação de vínculos afectivos. E isto, no caso concreto de **Lou N'a Pas Dit Non**, a partir de um dado (uma frase de Rainer Maria Rilke) que é um pouco o "leit-motiv" do filme, o seu ponto de partida e o seu ponto de chegada: "o amor já não será o comércio de um homem e de uma mulher, mas o de uma humanidade com outra". A história do filme é, então, a crónica da conquista desse momento, tanto quanto a interrogação sobre a sua possibilidade.*

Anne-Marie Miéville multiplica os casais por todo o filme. Dir-se-ia que a liberdade da estrutura narrativa de **Lou N'a Pas Dit Non** está apenas submetida a essa obrigação de fazer cada momento, cada sequência ou cada plano, nascer da tensão entre dois elementos, não forçosamente humanos, mas onde se crie uma relação de equilíbrio (precário ou não, consumado ou não) capaz de suscitar a criação de um "couple". Para lá da mobilidade das personagens que, em torno da protagonista Lou (Marie Bunel) aparecem e desaparecem, é sempre o "número 2" que mais ordena. Há as estátuas de Marte e Vénus no Louvre (que são também uma espécie de "leit-motiv" visual do filme, como se a sua rigidez "eterna" pudesse simbolizar uma harmonia espiritual intocável, capaz de figurar a frase de Rilke acima citada); há a belíssima sequência do bailado, uma coreografia de Jean-Claude Gallotta onde, em dez minutos (é o tempo que aproximadamente dura a sequência), o casal de bailarinos representa todo o jogo de forças, equilíbrios, domínio e subjugações de uma relação a dois; e há esse constante emparelhamento de opostos, que por vezes (é o caso da cena dos dois executivos e do Porsche, que através de um travelling descobrimos passar-se a escassos metros de um grupo de "homeless") adquirem uma metafórica dimensão social - como se Miéville quisesse dizer que miséria emocional e miséria social andassem associadas.

É curioso notar que, em contraponto ao carácter "radioso" (ou "saturnino", como já alguém disse) dos enquadramentos de Miéville (a belíssima luminosidade que banha casa plano, a forma como a luz invade os rostos das personagens), a sua montagem tenha uma carga bem mais dolorosa. Já o tínhamos notado em **Nous Sommes Tons Encore Ici** na longa sequência com Godard e Aurore Clément, "découpada" de modo discretamente anti-naturalista, a fim de sublinhar, precisamente, a ideia de "corte". Aqui, essa ideia acentua-se: há um lado brutal na montagem, há uma perturbante secura na maneira como Miéville passa de umas cenas a outras, de uns planos a outros - o "raccord", para a cineasta, nunca é um processo de harmonização, mas, bem pelo contrário, um meio de acentuar a descontinuidade e de sublinhar aquilo que não flui ou que não circula. Sejam as emoções, seja essa "humanidade" de que Rilke falava: Miéville parece não a encontrar a não ser nas estátuas do Louvre, na harmonia esculpida das suas formas, nesses planos finais que, se fazem lembrar **Viaggio in Italia**, não é certamente por acaso. **Lou N'a Pas Dit Non** não é um filme optimista, até porque, como nota uma das personagens, se Lou "não disse que não, também não disse que sim". Na diferença entre uma coisa e outra (não dizer que não ou dizer que sim) está a medida do pessimismo de Miéville.

Luís Miguel Oliveira